



classica

Classica - Revista Brasileira de Estudos

Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Clássicos

Brasil

Vallozza, Maddalena

ALGUMAS ANEDOTAS SOBRE DEMÓSTENES: UMA RELEITURA

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 26, núm. 1, 2013, pp. 145-155

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770907011>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# ALGUMAS ANEDOTAS SOBRE DEMÓSTENES: UMA RELEITURA<sup>1</sup>

Maddalena Vallozza\*

\* Università degli Studi  
della Tuscia – Viterbo  
Italia.

**RESUMO:** Muitas das anedotas sobre Demóstenes estão relacionados a seus problemas de voz e a suas dificuldades no momento da *hypokrisis*. Eu proponho uma reinterpretação das páginas em que eles nos são transmitidos: de Quintiliano (11, 3), a principal testemunha, a Cícero (*Orator* 26 e 56-58, *Brutus* 142, *De Oratore* I 261 e III 213), do autor da seção sobre Demóstenes nas *Vidas dos Dez Oradores* (844 d-845 b) à *Vida de Demóstene*, de Plutarco. Com base nisso, particularmente graças a Plutarco, que cita Hermípo e Demétrio de Fáleros, é possível formular a hipótese de que a tradição nasceu no Perípato, na área de interesses pela *hypokrisis* que demonstram o perdido *Perí hypokríseos* de Teofrasto e os fragmentos da *Retórica* de Demétrio de Fáleros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Retórica *Hypokrisis* Perípato Demóstenes Biografia Antiga

SOME ANECDOTES ON DEMOSTHENES:  
A REREADING

**ABSTRACT:** Many of the anecdotes about Demosthenes are related to his voice problems and to his difficulties at the moment of *hypokrisis*. I propose a re-reading of the pages which hand down them: from Quintilian (11.3), the main witness, to Cicero (*Orator* 26 and 56-58, *Brutus* 142, *De oratore* I 261 and III 213), from the author of the section on Demosthenes in the *Lives of the Ten Orators* (844 d-845 b) to Plutarch's *Life of Demosthenes*. On this basis, in particular thanks to Plutarch, who quotes Hermippus and Demetrius of Phalerum, it is possible to formulate the hypothesis that the tradition was born in the Peripatus, within the interests for the *hypokrisis* witnessed

1. Os problemas abordados neste trabalho foram o tema de uma palestra dada na Universidade de Brasília, em 22 de agosto de 2012, no âmbito das atividades promovidas pelo “Grupo de Pesquisa Rhetor – UnB”, dirigido por Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha. A tradução do texto é devida a integrantes do Grupo, em particular Sônia Zaghetto, Emanuelle Melo, Camila Alves, Luciana de Souza, Danilo Albuquerque, Valesca da Fonseca, Luiz Eudásio Barroso Silva, conduzidos por Sandra Rocha. A todos eles estendo meus mais sinceros agradecimentos pelos seus esforços, pela pronta acolhida generosa e à paixão sincera com que se animou o debate.

2. Momento individualizado como quinto e último na teoria retórica que prevê, para a elaboração do discurso, cinco fases: entre a *εὑρεσις*, *inventio*, e a *ὑπόκρισις*, se inserem a *τάξις*, *dispositio*, a *λέξις*, *elocutio*, e a *μνήμη*, *memoria*. Cf. G. WÖHRLE, *Actio. Das finfie officium des antiken Redners*, Gymnasium 97, 31-46, 1990, e B. STEINBRINK, HWdRh 1, 1992, s.v. *Actio*, col. 43-52.

3. Cf. C. COOPER, *Philosophers, Politics, Academics. Demosthenes' Rhetorical Reputation in Antiquity*, in I. WORTHINGTON (ed.), *Demosthenes. Statesman and Orator*, London-New York, Routledge, 2000, p. 224-245, e D.M. MACDOWELL, *Demosthenes the Orator*, Oxford, University Press, 2009, p. 18-22.

4. Cf. A. CAVARZERE, *Gli arcani dell'oratore. Alcuni appunti sull'actio dei Romani*, Roma-Padova, Antenore, 2011, p. 13-53.

5. Cf. L. PERNOT, *L'ombre du Tigre. Recherches sur la réception de Démosthène*, Napoli, D'Auria, 2006, p. 68-81.

6. Cf. L.V. PITCHER, *Narrative Technique in the Lives of the Ten Orators*, CQ 55, 217-234, 2005.

by the lost *Perì hypokriseos* of Theophrastus and by the fragments of the *Rhetic* of Demetrios of Phalerum.

**KEYWORDS:** Rhetoric *Hypokrisis* Peripatus Demosthenes Ancient Biography

**E**ntre as anedotas que o mundo antigo transmitiu sobre Demóstenes, muitas o trazem como protagonista em sua relação consciente, mas nem sempre feliz, com a voz – o aspecto mais importante, juntamente com o gesto, em um momento decisivo para o sucesso do orador: o momento chamado *ὑπόκρισις* na retórica grega – *actio* ou *pronuntiatio* na retórica latina<sup>2</sup>. São anedotas conhecidas, estudadas, na maioria das vezes, no âmbito da reconstrução geral da fortuna de Demóstenes na idade antiga<sup>3</sup>. Porém, graças a uma releitura dos passos mais significativos, talvez seja possível compreender por que a tradição se tenha voltado e concentrado precisamente sobre a *ὑπόκρισις*. As fontes antigas são Cícero, em *Orator* (26 e 56-68), *Brutus* (142) e *De oratore* (I 261 e III 213)<sup>4</sup>; Plutarco, na *Vida de Demóstenes* (7 e 11)<sup>5</sup>; o autor da seção sobre Demóstenes na *Vida dos Dez Oradores*, presente no *corpus* da *Moralia* de Plutarco (844 d-845 b)<sup>6</sup>; finalmente, Quintiliano, no terceiro e último capítulo do livro XI de *Institutio Oratoria* (XI 3, 1-184)<sup>7</sup>. Quintiliano é o testemunho principal: com relação à *pronuntiatio*, Quintiliano registra, de fato, nove anedotas, em comparação com as sete que se calculam do conjunto das três obras de Cícero, com as cinco de Plutarco e com as sete do Pseudo-Plutarco<sup>8</sup>. Para uma releitura das anedotas podemos então iniciar por Quintiliano.

Primeiro, porém, é talvez oportuno voltar em breve a refletir sobre a forma literária das anedotas, uma forma com leis precisas, com uma origem hoje rastreável, e principalmente uma função bem clara. Na pesquisa sobre a biografia antiga, que se inicia a partir da obra fundamental de Leo, tem sido hábito ver, no uso das anedotas, um sinal de qualidade, de modo inversamente proporcional, no sentido de que à presença de um número alto de anedotas costuma-se corresponder uma qualidade baixa do empenho do autor, da validade da reconstrução que ele oferece<sup>9</sup>. Porém, contribuições decisi-

vas, fruto de uma elaboração de mais de trinta anos, têm-nos conduzido hoje a uma avaliação diferente<sup>10</sup>. Nesse sentido, há uma avaliação diferente das anedotas e, em particular, do caráter tradicional, do estatuto literário, de suas funções no âmbito da biografia. As anedotas, que na cultura grega têm uma tradição longa e notável, para Aristóteles e para os seus alunos são, no contexto da biografia, o meio privilegiado para atribuir-se uma dimensão universal a fatos singulares e de pouca relevância, mas úteis para reconfigurar o *ethos* de um personagem, segundo os célebres critérios de verossimilhança ou de necessidade enunciados no nono capítulo da *Poética* (1451 a37-38). As anedotas, especialmente porque permitem se atribuir uma dimensão universal a fatos singulares e de pouca relevância, permitem que se chegue ao conhecimento verdadeiro de um personagem ou de um problema<sup>11</sup>.

Por exemplo, Rohmer define as anedotas como breves – e na maioria das vezes anônimos – contos de episódios relativos a personagens históricos<sup>12</sup>. Quanto à forma, em sua estrutura completa se podem reconhecer três partes: uma introdução, *occasio*, na qual estão presentes personagens e dados espaciais e temporais; uma transição, *provocatio*, que se realiza com uma pergunta ou mesmo com um gesto, um evento; e uma *pointe* de fechamento, *dictum*, como reação à *provocatio* e em referência à *occasio*, que tem amiúde, mas nem sempre, a forma de uma resposta. Quanto ao conteúdo, as anedotas não pretendem representar fatos reais, mas os fatos são contados como reais e como reais são recebidos. Além disso, os fatos em si não são de especial relevância, mas são adequados para serem investidos de um amplo significado. Precisamente isso – a possibilidade de investir-se de um amplo significado – é o traço típico das anedotas, além do contexto em que se mostram e da intenção de cada autor<sup>13</sup>. Sobre o fundo dessa reflexão recente e importante, voltamo-nos então para Demóstenes e para a tradição sobre sua voz.

Em Quintiliano, três anedotas são introduzidas com o apoio de afirmações preliminares repetidas sobre o papel essencial que a *pronuntiatio* desempenha no sucesso do discurso (5-7)<sup>14</sup>:

Quod si in rebus quas factas esse scimus et inanes tantum pronuntiatio potest ut iram lacrimas sollicitudinem adferat, quanto plus valeat necesse est ubi et credimus? Evidem vel mediocrem orationem commendatam uiribus actionis adfirmarim plus habituram esse momenti quam optimam eadem

7. Um capítulo rico de detalhes, que constitui o tratamento mais completo sobre a *ύπόκρισις* que nos foi legado do mundo antigo. Cf. M. VALLOZZA, *Quintiliano: Institutio oratoria. Libro XI*, in A. PENNACINI (ed.), *Quintiliano. Institutio oratoria*, Torino, Einaudi, 2001, p. 537-669 e p. 957-983.

8. Cf. E. FANTHAM, *Quintilian on Performance: Traditional and Personal Elements in Institutio 11.3*, Phoenix 36, 243-263, 1982, p. 263, e F. DESBORDES, *Quintilien. Le secret de Démosthène*, Paris, Belles Lettres, 1995, pp. IX-XXXV

9. F. LEO, *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer litterarischen Form*, Leipzig, Teubner, 1901, reimpr. Hildesheim, Olms, 1990.

10. Discute a posição do Leo G. ARRIGHETTI, *Poeti, eruditi e biografi. Momenti della riflessione dei Greci sulla letteratura*, Pisa, Giardini, 1987, p. 141-148. Para uma visão geral da crítica, ver M. ERLER-S. SCHORN (edd.), *Die griechische Biographie in hellenistischer*, Berlin-New York, de Gruyter, 2007, p. V-VI.

11. Cf. M. TULLI, *Ethics and History in Plato's Menexenus*, in M. MIGLIORI-L. NAPOLITANO VALDITARA (ed.), *Plato Ethicus : Philosophy is Life*, Sankt Augustin, Academia Verlag, 2004, p. 301-314

12. E. ROHMER, HWdRH 1, 1992, s.v. *Anekdot*, col. 566-579. Cf. H.A. GÄRTNER, DNP 1, 1996, s.v. *Anekdot*, col. 697-669

13. Ver particularmente G. ARRIGHETTI, *Anekdoten und Biographie: μάλιστα τὸ μικρὸν φυλάττειν*, in ERLER- SCHORN (edd.), p. 79-100.

14. As três anedotas aparecem de forma repentina, na abertura do capítulo, no centro da introdução (1-13), e se apresentam com uma estreita e complexa conexão. Texto citado a partir da edição de M. WINTERBOTTOM, *M. Fabi Quintiliani Institutionis oratoriae libri XII* 2. Oxford, University Press, 1970.

15. Minha tradução. Uma recente, excelente tradução em inglês é fornecida por D.A. RUSSELL, *Quintilian. The Orator's Education* 5. Cambridge Mass.-London, Harvard University Press, 2001, em que é citado o passo de Plínio, o Jovem (*Epist. 2, 3, 10*), que, certamente a partir de uma fonte grega, relatou de forma direta a resposta animada do Ésquines: *τί δέ, εἰ αὐτὸν τοῦ θηρίου ἥκουόσατε;* Cf. J. COUSIN, *Quintilien. Institution oratoire*. 6. Paris, Belles Lettres, 1979, 223. Para a espessura semântica ampla e ambígua, que aqui assume *θηρίου*, ver J.-L. PERPILLOU, *Quelle sorte de θηρίου fut Démosthène?*, RPh 69, 263-268, 1995.

illa destitutam: si quidem et Demosthenes, quid esset in toto dicendi opere primum interrogatus, pronuntiationi palmam dedit eidemque secundum ac tertium locum, donec ab eo queri desineret, ut eam videri posset non praecipuam sed solam iudicasse (ideoque ipse tam diligenter apud Andronicum hypocriten studuit ut admirantibus eius orationem Rhodiis non in merito Aeschines dixisse videatur: ‘quid si ipsum audissetis?’).

*Se, per fatti che sappiamo fintizi e inconsistenti, la comunicazione ha tanta importanza da suscitare l'ira, le lacrime, l'ansia, quanto più grande sarà di necessità la sua efficacia quando crediamo anche a ciò che ascoltiamo? Per parte mia non esiterei ad affermare che un discorso anche mediocre, affidato a una comunicazione efficace, ha più efficacia di un ottimo discorso che ne è privo: (6) dal momento che anche Demostene, quando gli fu chiesto quale elemento fosse al primo posto in tutta l'arte oratoria, assegnò la palma alla comunicazione, e alla comunicazione assegnò anche il secondo e il terzo posto, fin quando smisero di interrogarlo, tanto da rendere evidente che riteneva questo non l'elemento più importante, ma l'unico. Perciò studiò presso l'attore Andronico con tanta diligenza che a ragione Eschine sembra abbia esclamato, quando i Rodii ammiravano il discorso di Demostene: «Cosa avreste detto, se aveste ascoltato lui di persona?».<sup>15</sup>*

A primeira anedota está em forma completa. À brevidade da *occasio*, que se reduz ao nome do protagonista – Demóstenes –, ligada, no entanto, às afirmações programáticas importantes que a preparam, seguem a pergunta, uma provocação “normal” e uma *pointe* final, que, no jogo de repetição, em potência ilimitada, encontra sua força e sua função, assumindo a forma de *khreia* própria e real, ou seja, de resposta concisa, instrutiva, exemplar: a oratória se resume na *ύπόκρισις*; é a *ύπόκρισις*, aquele momento de elaboração do discurso no qual a voz desempenha um papel fundamental. A segunda anedota apresenta Demóstenes como aluno diligente que realizou sua formação junto ao ator Andrônico. É reduzida a um só elemento central: parece encaixada entre as outras duas anedotas, que a completam. Por fim, a terceira anedota retrata Ésquines, o antagonista histórico de Demóstenes; o juízo positivo expresso pelos ouvintes de Rodes sobre a excelência do discurso, o *Sobre a Coroa*, pronunciado pelo próprio Ésquines; finalmente, com a *pointe*, o juízo de Ésquines, um juízo ainda mais positivo – uma espécie

de rendição em uma atmosfera pacificada e sem tempo, que marca a superior, se não absoluta, capacidade vocal alcançada por Demóstenes na comunicação do discurso.

A *khreia* com a tríplice repetição de excelência da *ύπόκρισις* está em Cícero, em *De Oratore* (3, 213), *Brutus* (142) e *Orator* (56)<sup>16</sup>. O Pseudo-Plutarco, ao contrário, apresenta a primeira e a segunda, mas em ordem inversa (845 a-b)<sup>17</sup>:

ἐκπεσῶν δέ ποτ' ἐπὶ τῆς ἐκκλησίας καὶ ἀθυμῶν ἐβάδιζεν οἴκοι· συντυχῶν δ' αὐτῷ Εὔνομος ὁ Θριάσιος πρεσβύτης ἦδη ὃν προετρέψατο τὸν Δημοσθένη, μάλιστα δ' ὁ ὑποκριτής Ανδρόνικος εἰπών ώς οἱ μὲν λόγοι καλῶς ἔχοιεν, λείποι δ' αὐτῷ τὰ τῆς ὑποκρίσεως, ἀπεμνημόνευσέ τε τῶν ἐπὶ τῆς ἐκκλησίας ὑπ' αὐτοῦ λελεγμένων· καὶ δὴ πιστεύσαντα τὸν Δημοσθένη παραδοῦναι αὐτὸν τῷ Ανδρονίκῳ. ὅθεν ἐρομένου αὐτόν <τινος> τί πρῶτον ἐν ρήτορικῇ, εἶπεν ‘ύπόκρισις· καὶ τί δεύτερον ‘ύπόκρισις· καὶ τί τρίτον ‘ύπόκρισις·

Una volta, dopo un insuccesso in assemblea, se ne tornava a casa scoraggiato. Ma incontrò Eunomo di Tria, allora già vecchio, che gli fece coraggio e ancor più lo incoraggiò l'attore Andronico, il quale gli disse che le sue parole erano eccellenti, ma che il suo modo di comunicarle era inadeguato, e declamò sul momento il discorso che Demostene aveva appena tenuto in assemblea. Così Demostene si convinse e si affidò ad Andronico. Per questo, quando gli chiesero cosa avesse il primo posto nella retorica, rispose: «la comunicazione» e cosa il secondo: «la comunicazione», e cosa il terzo: «la comunicazione».<sup>18</sup>

Plutarco não conserva nenhuma das três anedotas na forma documentada em Quintiliano. No início da *Vida* (7, 1-5), após ter narrado com maiores detalhes o encontro com Éunomo, o Tríaso, dedica detalhadamente um capítulo inteiro ao encontro de Demóstenes com o ator Sátiro. Seguem (7, 6) as anedotas relativas à construção do *κατάγειον μελετητήριον* – do estudo subterrâneo –, no qual Demóstenes podia se exercitar todo dia em segredo sobre a *ύπόκρισις* e em particular sobre a voz (πλάττειν τὴν ὑπόκρισιν καὶ διαπονεῖν τὴν φωνὴν), e o hábito que Demóstenes tinha de raspar metade da cabeça, para se sentir obrigado a perma-

16. No *De Oratore* (3, 213), no importante contexto da página de abertura da discussão sobre a *actio*, Cícero não oferece a segunda das três anedotas e liga a primeira à terceira, sobre Ésquines a Rodes, à qual reserva amplo espaço. Cf. CAVARZERE, p. 16-17.

17. Texto citado a partir da edição de J. MAU, *Plutarchi Moralia*, V 2, 1 Leipzig, Teubner, 1971.

18. Minha tradução.

19. As duas anedotas estão de uma forma muito breve em Pseudo-Plutarco (844 d.).

necer por um longo período segregado no estudo e cumprir, de modo realmente incansável, seus exercícios<sup>19</sup>.

Entre as anedotas sobre a voz, são particularmente notáveis aquelas relativas ao exercício praticado por Demóstenes para superar, com formidável determinação, a fragilidade do corpo e, em primeiro lugar, os defeitos da natureza. Quintílio, nas exposições das quatro virtudes da *pronuntiatio* (30-65), insere uma longa digressão (51-50) sobre os defeitos a serem evitados na emissão da voz: recomenda recolher a respiração, sem fazê-lo longamente, com ruído, e sem torná-la completamente perceptível aos ouvintes, antes de expor um período muito longo (53). Os exercícios adequados para alcançar essa capacidade quase virtuosística se concretizam em duas anedotas que têm novamente Demóstenes como protagonista (54):

Exercendus autem est ut sit quam longissimus: quod Demosthenes ut efficeret scandens in adversum continuabat quam posset plurimos versus. Idem quo facilius verba ore libero exprimeret, calculos lingua volvens dicere domi solebat.

*Bisogna comunque esercitare la propria capacità respiratoria perché divenga la più ampia possibile: per raggiungere questo risultato, Demostene ripeteva di seguito quanti più versi gli era possibile salendo un erto colle. Inoltre, per tirar fuori le parole in modo più sciolto, senza impedimenti, era solito declamare in casa facendo rotolare sassolini con la lingua.<sup>20</sup>*

20. Minha tradução.

21. Sobre a longa tradição do impedimento de fala do *r̥ho*, ver M. ERBÌ, *Demostene nella mese, in M. TULLI (ed.), L'autore pensoso. Un seminario per Graziano Arrighetti sulla coscienza letteraria dei Greci*, Pisa-Roma, Giardini, 2011, p. 157-161.

É oportuno ressaltar que os dois exercícios descritos destinam-se, mais do que a um reforço geral da voz, à correção de defeitos na emissão da voz mesma. Quintílio não o diz de modo explícito, mas certamente parece que o pressupõe como um dado conhecido. As duas anedotas já estão em Cícero (*De Oratore* 1, 261), de uma maneira concisa, mas com a indicação de dois defeitos: a respiração ofegante e a dificuldade na pronúncia do “rho”<sup>21</sup>. Para corrigir a respiração ofegante surge a necessidade do exercício de intensa declamação de versos, um exercício que se realiza, no entanto – e aqui está a sua essência –, não estando Demóstenes parado, mas em movimento, e movendo-se não em uma superfície plana, mas inclinada, íngreme. Ainda, de uma pronúncia privada de fluência e não ausente de defeitos nasce a necessidade do exercício de declamação de versos, que se realiza, no entanto – e mais uma vez

aqui está a sua essência –, não de acordo com uma articulação normal, habitual, mas com a articulação sobrecarregada por pedras, ou melhor, de pedras das quais a língua deve se desenrolar<sup>22</sup>. Em Plutarco, as duas histórias têm um lugar de destaque e apresentam detalhes adicionais, de grande interesse, devido à menção inicial a Demétrio de Fáleros (11, 1) 24<sup>23</sup>:

*Toīc δὲ σωματικοῖς ἐλαττώμασι τοιαύτην ἐπῆγεν ἀσκησιν, ὡς ὁ Φαληρεύς Δημήτριος ἴστορεῖ, λέγων ἀντοῦ Δημοσθένους ἀκοῦσαι πρεσβύτου γεγονότος· τὴν μὲν γὰρ ἀσάφειαν καὶ τραυλότητα τῆς γλώττης ἐκβιάζεσθαι καὶ διαρθροῦν εἰς τὸ στόμα ψήφους λαμβάνοντα καὶ ρήσεις ἄμα λέγοντα, τὴν δὲ φωνὴν γυμνάζειν ἐν τοῖς δρόμοις καὶ ταῖς πρὸς τὰ σιμὸν αναβάσεσι διαλεγόμενον καὶ λόγους τινὰς ἡ στίχους ἄμα τῷ πνεύματι πυκνούμενω προφερόμενον.*

O orador se orientava com tal exercício prático para as suas deficiências físicas, que Demétrio de Fáleros narra, dizendo ter ouvido do próprio Demóstenes, quando este estava velho: que, por um lado, a obscuridade e a pronúncia defeituosa da língua foram curadas e bem articuladas com o fato de ele colocar pedrinhas dentro de sua boca e proferir discursos ao mesmo tempo; por outro, a voz era exercitada nas corridas e nas subidas em lugares inclinados enquanto ele discursava e pronunciava alguns discursos ou versos sem nenhuma interrupção.

Plutarco conclui a lista de exercícios adicionando um dado a mais, relativo ao gesto: *εἶναι δ’ αὐτῷ μέγα κάτοπτρον οἴκοι, καὶ πρὸς τοῦτο τὰς μελέτας ἴσταμενον ἐξ ἐναντίας περαίνειν*, «e ele possuía um grande espelho em casa, que permanecia em frente a ele, para também realizar os exercícios». A história sobre o espelho não se encontra em Cícero, mas Quintiliano, mais uma vez, dá a versão maior após as considerações gerais sobre a importância do gesto (68). Finalmente, a anedota sobre os exercícios de voz praticados na costa do mar de Fáleros, presente com breves acenos em Cícero, no *De Finibus* (5, 5), e em Quintiliano fora do tratamento sobre a *actio* (10, 3, 30), é fornecida por Pseudo-Plutarco (844 d)<sup>24</sup>.

A conclusão à qual a crítica adere, na análise desse material, é de que a tradição nasce e se desenvolve com o objetivo de fazer de Demóstenes um paradigma: para uma perfeita,

22. Cf. FANTHAM,  
p. 255-256.

23. Texto de K. ZIEGLER-H.  
GÄRTNER, *Plutarchi Vitae  
Parallelae*, I 2, Stuttgart,  
Teubner, 1994. Cf. M.  
VÁRZEAS, *Plutarco, Vidas  
Paralelas. Demóstenes e  
Cícero*, Coimbra, Classica  
Digitalia - CECH, 2010.

24. Inserida na página que lista os vários exercícios: *λέγοντα ἐπὶ τῷ Φαληρικὸν πρὸς τὰς τῶν κυμάτων ἐμβολάς τὰς σκέψεις ποιεῖσθαι, ἵν’, εἴ ποτε θορυβοίν ὁ δῆμος, μὴ ἐκσταίη, «e eles dizem que, descendendo pelo mar de Fáleros, pôs seus pensamentos nos movimentos das ondas, a fim de que, se alguma vez o povo fizesse tumulto, não o evitasse».* Cf. G. LACHENAUD, *Plutarque. Oeuvres morales*, 12.1. Paris, Belles Lettres, 1981, p. 32-33.

25. Por exemplo, DESBORDES, p. XIV. Cf. C. COOPER, *Demosthenes Actor on the Political and Forensic Stage*, in C.J. MACKIE (ed.), *Oral Performance and Its Context*, Leiden, Brill, 2004, p. 145-161.

26. Discute a possível relação entre o fragmento 135A SOD de Demétrio e os fragmentos 135B SOD (Phot. Bibl. 265, 493 b 12-16) e 135C SOD (*PSI* 2, 144), T. DORANDI, *Il contributo dei papiri alla ricostruzione della biografia e delle idee sulla retorica di Demetrio del Falero*, in W.W. FORTENBAUGH-E. SCHÜTRUMPF (ed.), *Demetrius of Phalerum. Text, Translation, and Discussion*, New Brunswick-London 2000, p. 388.

eficaz produção do discurso, uma natureza feliz não apenas não é condição suficiente, mas não é nem mesmo condição necessária. Parece que pouco ou nada resta a ser adicionado a essa conclusão<sup>25</sup>. Mas eu acho que é oportuno refletir sobre alguns aspectos da tradição e tentar uma resposta para a pergunta inicial: por que um conjunto de anedotas tão rico surgiu em torno da existência de defeitos gritantes e por que esses defeitos gritantes giram apenas em torno da voz, um aspecto preponderante, como já dissemos, da quinta e última etapa de elaboração do discurso?

Certamente não é por acaso que entre os nomes citados por Plutarco como fonte de anedotas relativas aos *σωματικὰ ἐλαττώματα* – os defeitos da constituição relativos à voz –, esteja Demétrio de Fáleros, citado a respeito das pedras e da declamação de versos. No mesmo âmbito, pode ser rastreado também o juízo de Demétrio de Fáleros (135A SOD), que Plutarco nos transmite pouco antes (9, 4), sobre a ousadia e a veemência dos discursos pronunciados por Demóstenes em relação aos discursos escritos (*τόλμαν γε καὶ θάρσος οἱ λεχθέντες ὑπ’ αὐτοῦ λόγοι τῶν γραφέντων μᾶλλον εἶχον*), com a anedota do juramento sobre terra, fontes, rios e córregos que Demóstenes pronunciou uma vez na assembleia, como à mercê de inspiração divina, *ώσπερ ἐνθουσιῶντα*<sup>26</sup>. Plutarco conclui a análise da *ὑπόκρισις* de Demóstenes mencionando novamente o juízo, aqui negativo, de Demétrio de Fáleros sobre Demóstenes (11, 3):

*τοῖς μὲν οὖν πολλοῖς ὑποκρινόμενος ἥρεσκε θαυμαστῶς, οἱ δὲ χαρίεντες ταπεινὸν ἥγοῦντο καὶ ἀγεννὲς αὐτοῦ τὸ πλάσμα καὶ μαλακόν, ὡν καὶ Δημήτριος ὁ Φαληρεύς.*

Então, ele agradou de forma extraordinária a todos quando estava pleiteando, porém os homens de bom gosto, entre os quais também estava Demétrio de Fáleros, julgavam a sua modulação de voz insignificante, vulgar e fraca.

Entre as duas referências a Demétrio de Fáleros, Plutarco é o único a conservar uma anedota a mais, de forma completa e ampla, de andamento muito animado, quase teatral, com uma sucessão forte e rápida de perguntas e respostas: um homem – é a *occasio* – relata a injúia sofrida, imediatamente pedindo para

ser assistido no tribunal; Demóstenes – é a *provocatio* – nega os fatos, os quais o homem reafirma levantando a voz e gritando; Demóstenes – é a *pointe* – conclui que fora a única vez que ele ouvira a voz de um homem que havia sido injustiçado. Plutarco acrescenta que Demóstenes considerava serem importantes, para obter credibilidade, o tom da voz e a *hypokrisis* dos que falavam (*οὗτως ὡέτο μέγα πρὸς πίστιν εἶναι τὸν τόνον καὶ τὴν ὑπόκρισιν τῶν λεγόντων*). A página de Plutarco (11, 1-3) sobre os defeitos físicos, *σωματικὰ ἐλαττώματα*, é justamente considerada, como um todo, um fragmento importante sobre a *ὑπόκρισις* (fr. 137 SOD) do tratado perdido de Demétrio de Fáleros sobre retórica (1.70 SOD)<sup>27</sup>.

Ao lado de Demétrio de Fáleros, Plutarco lembra depois Hermipo (11, 4 = 52 Bollansée). Ele cita o episódio como uma fonte da anedota sobre o orador Ésio, que, requisitado para um julgamento, atribui aos outros oradores o primado para a audiência, devido à compostura e majestade no desempenho, e a Demóstenes, a superioridade para a leitura, devido à potência em suas composições. Mas Hermipo já está incluso na parte inicial da *Vida* (5, 7 = 49 Bollansée), sobre o período de estudo e formação de Demóstenes, em especial porque, segundo Plutarco, afirmava ter obtido a partir de *ἀδέσποτα ὑπομνήματα* a notícia de que Demóstenes fora aluno de Platão; e de Ctesíbio a notícia de que Demóstenes, tendo secretamente recebido de Cálias de Siracusa e outros as *technai* de Isócrates e Alcidamante, as tinha estudado com profundidade<sup>28</sup>. A esses dados seguem-se as duas anedotas, grandes e cheias de detalhes, que apresentam as duas reuniões, primeiro com Èunomo de Tria e, depois, com Sátiro, o ator.

Demétrio de Fáleros e Hermipo estão, portanto, na origem da tradição de anedotas sobre Demóstenes, sobre sua formação e sua voz. Conhecemos relativamente bem o seu método de trabalho, graças a uma longa série de estudos que reconstruíram o meticoloso empenho do período helenístico em dar uma roupagem concreta, em termos de vida diária, à visão geral dos autores e obras: o método que se caracteriza, como se sabe, pela reconstrução da vida dos autores a partir de suas obras, pelo acúmulo de dados reais ou imaginários, capaz de atribuir dimensão universal a fatos individuais e de menor relevância, mas úteis para descrever o *ethos* dos autores<sup>29</sup>. Instrumento privilegiado no âmbito desse método são as anedotas. Exatamente o recurso típico das anedotas, a possibilidade

27. Cf. P. STORK-J.M. VAN OPHUIJSEN-T. DORANDI, Demetrius of Phalerum: The Sources, Text and Translation, in FORTENBAUGH-SCHÜTRUMPF, p. 208-209.

28. Cfr. J. BOLLANSÉE, *Hermippus of Smyrna*, in G. SCHEPENS (ed.), *F. Jacoby. Die Fragmente der griechischen Historiker continued*, IV A: *Biography*, 3, Leiden-Boston-Köln, Brill, 1999, p. 398-405.

29. Em outras palavras, é o método que lega a Cameleonte o seu nome. Cf. S. SCHORN, *Chamaeleon: Biography and Literature περὶ τοῦ δεῖνα*, in A. MARTANO-E. MATELLI-D.C. MIRHADY, *Praxiphanes of Mitilene and Chamaeleon of Heraclea: Text, Translation and Discussion*, New Brunswick NJ, Transaction Publishers, 2012, p. 411-444.

de carregar-se de um significado amplo, atinge sua plenitude em Hermipo, Cameleonte, Sátiro e em qualquer outro grande da escola Peripatética. Mas voltemos a Demóstenes. E, à luz dessa perspectiva, tornamos a perguntar: por que a voz? por que a tradição das anedotas de Demóstenes se concentra nesse elemento?

A explicação encontra-se nas páginas de Aristóteles sobre o papel, ambíguo, mas decisivo, da *ύπόκρισις* no terceiro livro da *Retórica*, na página de abertura (1403 b 8 6-1404 a 19), que certamente marca para nós o início da teoria da *ύπόκρισις*, uma seção complexa, na qual o efeito do discurso parece completar-se na utilização de voz<sup>30</sup>. Mas talvez, mais ainda, a explicação deve ser procurada na autonomia que, depois de Aristóteles, essa fase da discussão assume, a exemplo do perdido *Περὶ ύποκρίσεως*, de Teofrasto – uma autonomia que certamente ajuda a compreender a riqueza da análise conduzida sobre a *actio* da tradição latina<sup>31</sup>. Além de algum problema de reconstrução, podemos dizer que na escola Peripatética, depois de Aristóteles, e na sequência de Aristóteles, a *ύπόκρισις* torna-se objeto de um extenso e específico compromisso. Em particular, na elaboração de Demétrio de Fáleros a *ύπόκρισις* certamente teve um lugar de destaque, como evidenciado pela sobrevivência de um número relativamente elevado de fragmentos que podem ser relacionados à *ύπόκρισις* (134-139 SOD).

Podemos pensar que esse compromisso teórico se fundamentou no método próprio da escola Peripatética. O método expresso no resumo de Cameleonte (41 Wehrli = 44 Martano), na afirmação programática, apresenta duas citações de Aristófanes no apêndice: *παρὰ δὲ τοῖς κωμικοῖς ἡ περὶ τῶν τραγικῶν ἀπόκειται πίστις*, «é entre os comediantes que está a credibilidade dos elementos trágicos». Nos poetas cômicos, seguindo o método, Demétrio de Fáleros e Hermipo encontraram a prova, o convite concreto para reconstruir uma imagem de Demóstenes<sup>32</sup>.

Não é certamente por acaso que dez fragmentos da *mesē* atestem a presença de Demóstenes em cena, com uma riqueza de detalhes que inclui além de sua *ύπόκρισις*, excessiva e defeituosa ao mesmo tempo, seu furor báquico, sua tagarelice (149 Adesp. PCG), e seus próprios defeitos de pronúncia, especialmente do *rho* (958 Adesp. PCG)<sup>33</sup>. Além disso, como os críticos frequentemente têm observado, a *ύπόκρισις* foi o

30. Cf. W.W. FORTENBAUGH, *Theophrastus on Delivery*, in W.W. FORTENBAUGH-P.

HUBY-A. LONG (ed.), *Theophrastus of Eresus: On his Life and Work*, New Brunswick NJ, Transaction Publishers, 1985, p. 275-281 = W.W. FORTENBAUGH, *Theophrastean Studies*, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 2003, p. 253-271

31. Cf. CAVARZERE, 24-31.

32. Cf. SCHORN, p. 426-430.

33. Análise de ERBI, p. 157-190.

tema dominante na densa rede de acusações mútuas e insultos que Demóstenes e Ésquines moviam um contra o outro em seus discursos. Demóstenes, por exemplo, no *Sobre a Coroa* (280 e 308-309), denuncia as habilidades persuasivas e as técnicas enganosas na voz de Ésquines, como se fosse um ator. Por sua vez, Ésquines, no discurso *Contra Ctesífonte* (35-37, 71-72 e 149-150), por exemplo, tenta demolir a paixão do adversário denunciando os limites de seu desempenho diante da tribuna, ao oscilar entre incertezas, características populares, excessos injustificados e contraproducentes<sup>34</sup>.

Assim, do compromisso da escola Peripatética com a *ὑπόκρισις* parece depender a tradição de anedotas que incidem sobre a voz de Demóstenes. Não é difícil relacionar precisamente a este compromisso os muitos e demais detalhes que o pontuam: o volume, o tom de voz, a sua flexibilidade, a variedade, o ritmo e a alternância de registros, a rejeição de traços considerados vulgares ou excessivos. Na tradição da voz de Demóstenes podemos captar um eco distante dos capítulos individuais daquele decálogo perdido sobre a *ὑπόκρισις* correta e eficaz, elaborado no âmbito da doutrina retórica da escola Peripatética.

34. TH. C. CONLEY,  
*Topics of Virtuoperation: Some Commonplaces of 4th Century Oratory*, in D. MIRHADY (ed.), *Influences on Peripatetic Rhetoric: Essays in Honor of William W. Fortenbaugh*, Leiden, Brill, 2007, p. 231-238.

Recebido em outubro de 2012  
Aprovado em maio de 2013

